

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

CÍCERO DE NOVAES E JOÃO PREZADO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistados - Cícero Novaes (CN) e João Prezado (JP)

Entrevistadores - Lisabel Klein (LK) e Eduardo Thielen (ET) e (Pesq)

Data - 28/08/1990

Local - Belo Horizonte/MG

Duração – 1h

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

NOVAES, Cícero e Prezado, João. *Cícero Novaes e João Prezado. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 21p.

Data: 28/08/1990

Fita 1 – Lado A

LK - No Centro de Pesquisas...

CN - Eu comecei a trabalhar no Instituto de Malariologia...

LK - O sr. começou no Rio?

CN - No Rio, Cidade das Meninas. Então aí quando vim prá cá, eu fui um dos fundadores, fundador aqui que cheguei aqui, portas, achei o troço de portas fechadas, né? Nós chegamos aqui, eu já cheguei, em 1955, dia 8 de maio de 1955.

LK - Puxa, que memória, hein?

CN - É, eu tenho guardado, né, porque...

LK - E o senhor começa no instituto de Malariologia quando?

CN - Eu comecei em 1954.

LK - Mas o senhor começou direto na Cidade das Meninas?

CN - É. O único emprego que eu tive na vida foi esse.

LK - O senhor sempre trabalhou?

CN - Sempre trabalhei em todo canto. (...)

LK - Aí o senhor veio prá cá então.

CN - É, e lá quando acabou o instituto, acabou, não, foi transferido, então foi distribuído pessoal, né. Teve pessoal que veio prá Belo Horizonte, teve pessoal que veio prá Manguinhos, e teve pessoal que ficou lá na fábrica de BHC, ficaram dando respaldo, né. Então eu fui um dos que fiquei em duas listas, né, sempre fico. Fiquei na lista de ficar lá e na de vir prá cá. Aí preferi sempre, uma, como se diz, um conhecimento, né, por ser mais uma cidade seria melhor prá mim e me dei mal, graças a Deus.

LK - Ficou aqui.

CN - Fiquei aqui, até que quando foi em 1975 que transformou a fundação, então, vários colegas meus foram distribuídos, né, porque não quiseram fazer essa opção por CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], e eu continuei.

LK - Ah, era o pessoal que fez opção?

CN - É saíram, foi em 1975.

LK - Transforma em fundação em 1970, mas a opção é posterior? A CLT optante ou não?

CN - É porque foi mais ou menos nessa época que...

LK - A gestão do Vinícius da Fonseca?

CN - Nós aqui passou... foi interessante prá Fundação, né, porque era um mais ou menos um órgão a mesma coisa, mas aqui toda vida foi isso, aposentados pela SUCAM.

LK - Era DENERu, né e depois INERu.

CN - Que nós viemos aqui era Instituto de Malariologia, depois passou prá INERu, aí quando foi em 1975 interessou à Fundação Oswaldo Cruz, que a gente passou prá cá.

LK - Então, quando se forma a fundação, ele é integrado, mas isso efetivamente acontece com todos laboratórios?

CN - É porque os órgãos de pesquisa passaram todos prá Fundação.

LK - Então o senhor chegou aqui junto com o René [Guimarães] Rachou?

CN - Eu cheguei aqui com o René Rachou, que era o diretor, agora eu vim, o laboratório que eu vim, que hoje eu trabalho no laboratório de malária, e no laboratório de química.

LK - Ah, o senhor veio com Química, que é transferido prá cá também?

CN - Veio transferido prá cá. Dr. [Ernest] Paulini era o chefe, Paulini era o chefe, Zé Pedro era o ...trabalhava, né, nós éramos a equipe que viemos, que lá no Instituto de Malariologia trabalhava à noite, né, então ficou uma unidade, a turma prá cá, aí passei a trabalhar durante o dia no laboratório, eu, o Zé Pedro. Argemiro, o Sérgio, Dr. Paulini e João Calixto.

ET - João Calixto?

CN - João Calixto dos Santos.

ET - (...)

CN - Não, não, esse era (...) meu, era colega lá de, do Rio, ele é que conseguiu me incluir na equipe dele prá trazer prá cá.

LK - A Dra. Hilda trabalhava nesse laboratório?

CN - Dra. Hilda não chegou a trabalhar, trabalhava no laboratório de inseticida, mas lá no Rio, ela não veio prá cá.

LK - Ela não veio prá cá, nem ela nem o Dr. Romero?

CN - Dr. Romero foi o ex-diretor, era o sucessor do Dr. Rachou; Dr. Romero era o diretor, aí quando ele saiu, o Dr. Rachou o sucedeu, Dr. Romero.

LK - Eles ficam lá, o Dr. Romero também não vem, né?

CN - Qual o?

LK - Dr. Romero?

CN - Não veio, Dr. Romero não veio.

LK - No laboratório de Química que o Romero ...

CN - Ficou, o sistema básico de um desmonte, né? Ficou uma parte lá, e a outra não sei prá onde é que eles foram, que o laboratório que veio prá cá foi o laboratório de Química com o Dr. Paulini. O Dr. Paulini não era o chefe, o Romero que era o chefe, né, mas o Dr. Paulini era um direto a uma seção lá que ele era responsável, né, então essa seção se transformou em laboratório de Química.

ET - E o Dr. Paulini veio...

LK - Veio prá cá e aí cria o laboratório de Química, e aí tem o laboratório de Entomologia em 1955, né?

CN - O laboratório de Entomologia (...) que era o chefe né? Aliás, o Dr. Rachou era como hoje né, eles fazem aqui, que o Dr. Zé Pedro é o diretor, mas chefia o laboratório de Química, né, o Dr. Marcelo é o diretor, mas é o chefe de laboratório de esquistossomose. Então, nessa época, Dr. Rachou era o diretor, mas responsável com o laboratório de Entomologia, sendo o [Ivan] Ricciardi, dando as coordenadas, né?

LK - E isso tudo em 1955?

CN - Tudo em 1955.

LK - Tem um outro laboratório que é transferido?

CN - Tem um laboratório na época do (...), laboratório de Química, laboratório de Entomologia, laboratório de Ecologia, que era o Dr. Roberto Milward que era o chefão.

LK - E o Dr. Roberto Milward vem em 1955 prá cá?

CN - Roberto Milward em 1955 também.

JP - ?

LK - Tem uma história estranha dessa Cidade das Meninas que acho que foi o Mário Aragão que me contou: ele disse que a Cidade das Meninas houve uma greve, e algumas pessoas se esconderam na cidade das meninas e aí que se resolve desativar a Cidade das Meninas.

CN - Não, mas naquela época não se falava em greve, não tinha esse assunto. Ela foi meio, não sei se foi.

JP - Foi no final do Estado Novo.

CN - Eu não sei se foi político.

LK - Isso foi 1955, 1954, quer dizer, Getúlio, no segundo período...

CN - Mas lá foi um sistema, não sei se foi político, porque lá não era doação, era emprestado pelo abrigo do Cristo Redentor.

LK - Que era das (...)

CN - O abrigo Cristo Redentor é que nos emprestaria os pavilhões lá, que lá era uma briga prá você trabalhar também porque enquanto nós vinha prá aqui prá esse prédio, que hoje tá grande que nós pegamos esse prédio aqui só a parte da frente prá os que vinham só esses dois andares, nós ficamos lá instalados lá no canto.

Pesquisador - Aqui era uma fazenda, né?

CN - Não, aqui quando eu cheguei aqui já era...

Pesquisador - Nos anos anteriores a instalação do prédio?

CN - Aqui era o seguinte - esse prédio, que tem umas certas, um troco assim, meio vai e vem, como era do conhecimento da gente aqui, a gente seguia a realidade, né, esse prédio foi feito pelo Chapadeiro que era o engenheiro, fez esse prédio prá circunscrição. A circunscrição era sediada na avenida Tocantins. Então, lá era lugar, mas (...), Dr. Rachou, mas Dr. (...) não sei se Dr. Paulini tomou parte, mas eles vieram aqui em Belo Horizonte. Esse negócio de esquistossomose, que tinha muito aqui em Belo Horizonte, prá resolver, dessa conversa aí, já de ser transferido o Instituto de Malariologia, sair da Cidade das Meninas e trazer prá aqui que aqui ficaria, mais como se diz, conveniente prá trabalho, né? Trabalho de esquistossomose, trabalho de barbeiro, que aqui em Minas Gerais era, vinha do Rio prá fazer essas pesquisas aqui. Então, nesse foco que eles fizeram, nós apossamos do prédio aqui, não sei se foi por empréstimo ou se era prá definitivo, eu sei que acabou dando definitivo, que tem umas conversas aí de professor Milward me perguntou, não sei o que, questão de terreno não sei quem arranjou. Agora, a sede, como se diz transformação disso aqui no Instituto de Malariologia, foi o Dr. Rachou que trouxe prá aqui.

Pesq. - Foi o Dr. Rachou?

? - Foi o Dr. Rachou que trouxe prá aqui, nessa palestra que nós tivemos aí agora, eles falaram, professor Milward, não sei lá, não sei o que.

LK - Aí ocupam o prédio aqui com esses três laboratórios?

CN - É, três.

LK - Os três que vem. Aí depois foi transformado.

CN - É porque isso já foi, já Dr. Rachou tinha saído. É, o troco é meio político sabe como roda, né? O Dr. Rachou saiu, viajou, foi na época que o Juscelino entrou, e o Juscelino [Kubitschek] muito amigo do professor Amilcar que o Juscelino botou, como diretor, quando o Dr. Rachou chegou já achou o professor Amilcar como diretor então teve, ficou até desgostoso, porque o Dr. Rachou gostava disso aqui.

ET - Mas ele não esperava?

CN - É como sempre acontece, Dr. Rachou ficou muito desgostoso com isso... você já pensou você transformar a casa, faz tudo por aquilo, depois vem outro, era como o presidente fez, né? Daí, então, daí prá frente entrou o Dr. Rachou.

LK - Amilcar.

CN - Aí foi quando começou a se entrosar, quem entrou, que nele vinham aqui o Geraldo Chaia, chegou aqui o Geraldo Chaia, aí essa transformação do Dr. Rachou pro professor Amilcar, depois dessa transformação veio o Marcelo de Vasconcelos, que passou a ser o diretor, que o Dr. Amilcar ficou aqui não me lembro quanto tempo como diretor daqui, depois ele foi convidado prá diretor do Oswaldo Cruz, aí na saída do professor Amilcar prá Manguinhos, o Marcelo assumiu, e foi parece que o diretor mais longo que teve aqui, parece que foi o Marcelo. Ai nessa transformação do Marcelo aqui, ai quando nós estamos hoje Dr. Zigman que era(...). Dr. Zigman era da Faculdade de Farmácia, né, Dr. Zigman, Dr. José ..., Professor Schreiber, mas, então, chegou aqui transformou, Dr. Zigman foi trabalhar com Chagas, né, o Dr. [José] Pellegrino com esquistossomose, o Dr. Schreiber trabalhava com, não sei nem qual era a função dele, não sei se era Chagas também.

ET - Isso foi quando?

CN - Isso foi 1950, 1960, mas entraram logo assim 1956 por aí assim, agora em 1960, que foi quando o Jânio Quadros entrou aí, já foi a época da demanda, da debandada, né, foi o único que permaneceu aqui dessa turma foi o Dr. Zigman, que aguentou o Dr. Lobato, né, que nessa época transformou, o Dr. Lobato veio, permaneceu o Marcelo como vice-diretor, e o Lobato é que assumiu como diretor. O Dr. Lobato chegou e como gosta do negócio meio em cima, então a turma espirrou, espirrou o Schreiber, saiu daqui, o Dr. Pellegrino também saiu.

ET - Foi pra universidade?

CN - Foi pra universidade.

ET - Mas por que?

CN - Porque não aguentou a rédea.

ET - Como assim?

CN - Porque foi emprego, dois empregos assim, sempre costuma um ficar meio na corda bamba, né? E esse povo tem, mais ou menos, não gosta de muito aperto, né, então o único que aguentou ficar e cumprindo o serviço, no sistema do Dr. Lobato foi ele, Dr. Zigman.

LK - Dr. Lobato era rigoroso?

CN - Dr. Lobato gostava do negócio certo, mas infelizmente ele ficou pouco tempo, agora depois que ele saiu nós passamos uns apertozinhos aqui, né, custou a chegar no lugar.

LK - Depois que ele saiu?

CN - É, depois que ele saiu o negócio ficou meio difícil, né.

LK - Quem assume depois?

CN - Depois que o Dr. Lobato saiu, assumiu um bocado aí de gente. Sabe por que? Passou parece que o... teve o Dr. ...de Brito, depois teve o Dr. Aprígio [Abreu Salgado], eu não tenho assim bem lembrança dos intermediários como é que foi.

ET - Cronologicamente, dr. Lobato (superposição)

CN - Depois ficou o Zé Pedro, ficou um ano e pouco, ou dois anos, aí depois assumiu o Dr. Zigman, nesse intervalo teve o Dr., (...) de pequeno termo.

LK - E teve o Roberto, também?

CN - Pois é, teve o Roberto também, tem o Roberto, esses intervalos aí eu não estou bem a par, aí depois do Roberto, que foi outro levante que teve...

ET - Como assim?

CN - O Roberto chegou ...

LK -O Lobato, o levante foi um certo rigorismo, que provocou e o Roberto, qual foi o levante?

CN - O Roberto chegou e queria o negócio lá em cima, né? O Roberto também era da universidade, então o Dr. Roberto quando chegou, chegou num sistema de organização desta parte, modéstia à parte, se não acertou, a organização prá diretor, o Robertão, e chegou e começou a trazer, que nesse convênio com o, que ainda tem até hoje, é ficou muitos funcionários nossos emprestados prá universidade, e o pessoal da universidade aqui também, né. Então esse pessoal que tava emprestado prá universidade quando o Roberto chegou, pediu o retorno desse povo, aí retornou uma pequena parte que retornou, outros ficaram no meio da parede prá não retornar, mas a maior confusão foi um casal aí, Dr. Alda [Falcão] mais o patrão, que Dra. Alda é uma pessoa que trabalha, organizada, mas eu acho que o Dr. Roberto chegou, e achou uma certa, não sei se conforto demais e resolveu trocar, pôr uma pessoa no lugar dela, aí foi aquela confusão, foi aonde o Marcelo retornou, que já tinha saído, retornou acho que por 10 dias, parece uma semana, só prá tirar o Roberto.

Pesq. - Retirou?

CN - Você ainda não estava aqui nessa época, não?

Pesq. - Não, eu saí o Dr. Marcelo era diretor. Eu cheguei o Dr. Milward.

CN - Chegou, foi um sistema só prá tirar. Essa confusão era nessa época que o Dr. Marcelo assumiu, aí assumiu por uns dias, aí foi na época que o Zé Pedro assumiu, aí quando veio a opção, na época da opção era o Dr. Aprígio que era o diretor, em 1975. Aí ele transformou, porque nessa época, até eu não gostei muito que ele de atitudes de um bocado de pesquisador aqui dentro que fizeram o seguinte - eu acho que numa hora dessas o pesquisador que tem o nome, que se diz uma pessoa gabaritada... então, uma hora dessas é que tem que dar o apoio aos pequenos, né? E essa turma, a maioria saltou fora. O próprio Dr. Zigman saiu, o Marcelo saiu, então quem aguentou as pontas mesmo era o estatutário, foi o Zé Pedro.

LK - E o Zé Pedro não gostou?

CN - O Zé Pedro não optou; o Zé Pedro continuou, quer dizer, o que eu acho que essa turma tem que dar apoio aos pequenos, é manter a casa, né? Então, que o único que manteve a casa aqui foi o Zé Pedro.

LK - Então teve um grupo grande que não optou então?

CN - Saíram todos...

Pesq. - saíram todos (...) faz opção prá fora.

CN - Então, a casa de comando aqui.

Pesq - Ficou oficialmente, porque eles continuaram.

LK - Sim.

(sobreposição de falas)

CN - O Dr. Marcelo, o Dr. Marcolino se picou porque nessa época ele já era celetista, né? Então não tinha.

LK - Sim, já entrou num outro período.

CN - Já, não tinha outra, tinha que ficar, então ficou os quatro aí.

Pesq - O Naftale [Katz] ficou como diretor por pouco tempo.

CN - Foi. Não lembro (...) nessa época não lembro qual foi a saída. Então aí quem ficou aí quando a gente fez a opção, que afetou, cortou tudo, tudo em seu devido lugar, né, o Dr. Zigman que assumiu. A gestão (...), aí depois veio a gestão do Dr. Naftale, que já é a segunda agora, né?

LK - Sr. Cícero, quando o senhor veio do Rio, veio um grupo junto com o senhor. Esse grupo, muita gente voltou? Ou ficou aqui? O que aconteceu?

CN - Esse grupo se transformou; muita gente que quando veio essa chegada do, da política, mudou a política que entrou o Dr. Amílcar no lugar do Dr. Rachou. Esse grupo era um grupo, como se diz, familiarizado com o Dr. Rachou, então esse pessoal, depois que o Dr. Rachou saiu da direção, todo, a maioria resolveu retornar prá o Rio de Janeiro, quase todos prá o Rio de Janeiro, sabe?

ET - Quantas pessoas?

LK - É porque o pessoal ligado a Entomologia, principalmente Miguel, eu acho, o pessoal que era ligado

(Sobreposição de falas)

LK - O senhor trabalhava diretamente com ele?

CN - Com o Rachou?

LK - É.

CN - Não, eu trabalhava, ele era o diretor, né?

LK - Ah, o senhor veio do laboratório de Química.

CN - Era o grupo, o grupo de Química, porque aqui tinha o grupo, né? Tinha o grupo de esquistossomose, tinha o grupo de Química, tinha o grupo de Entomologia, que sempre, a senhora sabe que toda a época sempre tem um grupo que desponta mais, né? Então era o grupo da entomologia o que mais sobressaía.

LK - É do laboratório de Química não volta ninguém? Ou volta alguém?

CN - Do laboratório de Química volta o Sérgio e depois quiseram transferir também, é só prá demonstrar como se diz, o Argemiro Fontes foi prá São Paulo, ele era paulista mesmo.

LK - E o [Ernest] Paulini?

CN - O Paulini foi na época do Lobato, que o Paulini teve que se desligar.

LK - Ele vai prá universidade?

CN - Ele já era... porque ele criou esse grupo aí depois que entrou o Dr. Amilcar. Então, o sistema, a sobrevivência, porque toda a vida a gente ganhou relativamente mal, então essa turma arranjava aquele sistema de sobreviver. Fizeram tipo intercâmbio, o pessoal daqui ajeitou gente da universidade prá aqui e o pessoal da universidade fez a mesma coisa com os daqui, e foi aquela troca, né? Foi o Marcelo daqui prá universidade, foi o Schreiber daqui prá universidade, Dr. Roberto daqui prá universidade e lá da universidade prá cá veio o professor José Pellegrino, o professor Schreiber, veio não estou me lembrando agora, que teve uns que veio da universidade prá cá, mas não permaneceu, não sei, não lembro como foi os contratos deles, sei que voltou. E aqui já dentro da universidade já trabalhou o professor Mayrink, o César Pinto...

Pesq. - Desde quando começou essa associação com a universidade?

CN - Essa associação com a universidade começou na gestão do professor Amilcar.

Pesq. - Quando o Rachou saiu, o Amilcar veio também com a estrutura da universidade;

? - Foi em 60 mais ou menos?

CN - Foi em 1957, 1950 e...

? - 1955, 1956

LK - Pois é, que...

Pesq -

LK - Senhor Cícero o seu trabalho no laboratório, ele sofreu modificações nesse período? Dentro do laboratório de Química?

CN - Olha, no laboratório de Química é um desentendimento assim funcional.

LK - Aí ele vai sofrendo alterações?

CN - Não, o meu caso não foi bem assim, as alterações de Química já estavam tudo normal, né? Mas eu tive um desentendimento pessoal, mas não aqui no centro, foi em casa do Dr. Paulini que o Dr. Paulini (...) eu considero bom chefe, que ele nunca passava semanas sem entrar no laboratório.

Pesq. - E as coisas funcionavam.

CN - E as coisas funcionavam, mas aí eu desentendi, eu desentendi com a mulher dele, troço particular, aí ele trouxe problema prá cá, e me dispensou lá, me entregou, mas aí nessa entrega, sempre toda vida, fui mais ou menos relacionado, né? Então essa entrega aí, Dr. Zigman me apanhou.

LK - Então o senhor muda de laboratório.

CN - Mudei pro laboratório do Dr. Zigman, e hoje permaneço num sistema quase que a mesma chefia, né? A Damiana, era estudante, estagiária do Dr. Zigman, e dessa estagiária ela passou a funcionária da SEM, Serviço Nacional de Erradicação da Malária. Então quando foi parece que em 1970, ela fez tese, e tal, então ela montou o laboratório, e já trabalhando junto lá, ela trabalhou com o Dr. Zigman, então ela eu acompanhei o laboratório dela e permaneço até hoje, no laboratório da Dra. Damiana, espero sair do laboratório dela porque já estou com 37 anos de serviço, né?

LK - Sr. Cícero, o seu nome todo?

CN - Cícero Cecílio de Novaes.

LK - Então, Sr. Cícero, muito obrigada.

Fita 1 – Lado B

Depoente - Senhor João Prezado (JP)

JP - Porque eu tinha um compromisso aqui.

JP - Eu vim prá cá por causa de um compromisso que eu tinha aqui de uma namorada, porque antes de vir prá cá eu trabalhei aqui, num norte de Minas, e pertencia à circunscrição do Serviço Nacional de Malária, em 1948, trabalhei muito tempo aqui, sabe. É interessante, eu fui admitido, eu vim do Rio de Janeiro, e fui admitido em Teófilo Ottoni, veja só, fiquei uma temporada em Teófilo Ottoni, depois eu fui prá, inclusive fui prá São Paulo, também, depois é que eu retornei pro Rio de Janeiro e fui parar lá na Cidade das Meninas. Lá é que eu fiquei conhecendo o Instituto de Malariologia, não era nem INERU, antes era Instituto de Malariologia, depois é que passou a ser Instituto de, não, Instituto Nacional é INERU, Instituto Nacional de Endemias Rurais.

Pesq. - O que que se fazia na Cidade das Meninas?

JP - Na cidade das Meninas, colher, a princípio, eu fiquei no setor de Pessoal, mas depois eu assumi a responsabilidade da biblioteca, inclusive formei a biblioteca. Uma senhora biblioteca.

Pesq. - Não sabia que você tinha fundado a biblioteca.

JP - Eu fiquei aqui muitos anos na biblioteca.

LK - Uma pergunta, o senhor entrou na circunscrição, no Serviço Nacional de Malária, fazendo o que?

JP - Em 1948.

LK - Fazendo o que?

JP - Ah, eu fiz de tudo. Eu projetei áreas endêmicas de malária, eu distribuía remédio, eu aplicava remédio, eu fiz de tudo no Serviço Nacional de Malária.

LK - E na cidade das Meninas o senhor entra pelo setor de pessoal?

JP - Eu vim de São Paulo, Ribeirão Preto, depois de uma grande campanha contra malária lá em São Paulo, Dr. Mário Pinotti e fiquei no lugar do Oscar, eu fiquei no lugar do Oscar em São Paulo, o Oscar foi resolver um problema de um problema de (?) no norte do país e eu fiquei com a bomba na minha mão. Mais de 150 homens vindos de todo país prá combater a malária. Porque a malária, o Serviço Nacional de Malária, só pelo fato do Dr. Mário Pinotti ser paulista, ele se envolveu em fazer o negócio, sendo que a Secretaria de Saúde de São Paulo tinha condições muito melhores do que a nossa, na época o pessoal de São Paulo ganhava muito melhor do que nós, tinha muito recursos do que nós, mas Dr. Mário Pinotti era diretor, né, diretor do Serviço Nacional de Malária, e como paulista um bom paulista ele quis fazer o serviço. Tanto é que a secretária, se afastou, ficou só conosco, o serviço só conosco, não deu cobertura, isso em 1951, 52. Bom, aí eu fui prá lá, né, na Cidade das Meninas, em 1952.

Pesq - Como é que foi a sua ida prá lá?

JP - Ah, eu vim porque a minha história é longa, eu no Serviço Nacional de Malária, eu era um pau prá toda obra, entende, eu até dirigia, até dirigia, coisa que até hoje não mexo mais com isso, né, porque passei por umas fases perigosas, sabe?

Pesq – De combate?

JP – É, de combate.

LK – É, eram as brigadas.

JP – E em Tambacuri, não em Tambacuri, não, perto de Teófilo Ottoni, tinha lá um famoso, mas o homem era rico naquela época, né, cheio de gado, fora de série, né, e eu comandava o pelotão, cheguei nessa fazenda o homem só me comendo, nossa mãe, o senhor, nós andávamos, chegamos lá, prá gente ver qual era a nossa intenção, nós íamos aplicar remédio, e verificar, tirar a lâmina, do pessoal todo, dos colonos, né, ele disse, não senhor, aqui ninguém entra. Eu não preciso do governo municipal, estadual, nem federal, tudo aqui é por minha conta, eu que dou assistência aos meus colonos, aqui ninguém entra, ninguém entra. Aí eu tornei a falar, tornei a falar, pá, pá, pá, pá, pá, eu disse: Bom, chama o Sr. João. Sr. João, negócio é o seguinte: a nossa missão é muito importante, nós não podemos recuar, e se por acaso ele recuar, posso contar todos nós aqui estamos demitidos. E na época não era brincadeira, não, ou fazia, ou saía fora da [...]. O senhor vai fazer o seguinte, se o senhor não permite fazer por bem, amanhã nós voltamos aqui, e o senhor vai ter que, nós vamos fazer por mal. Eu estou falando pro senhor que nós vamos fazer o serviço de qualquer maneira, agora se o senhor não quiser por bem, nós vamos fazer o serviço. No dia seguinte, fui eu, o meu pelotão, mais cinco soldados armados, com carabina. Cheguei lá, o sujeito apareceu lá, na hora, não sabia de nada, então não apareceu.

Pesq. – E aí vocês fizeram?

JP – Nós fizemos tudo, não via esse moço em lugar nenhum. E não foi só essa vez não, fazia o serviço e voltava prá fazer, prá saber como é que tava a situação, controlar a aplicação do remédio, controlar a aplicação, a medicação, o resultado dos exames, autópsia, malária, fazer lâmina e tal, né.

Pesq – E como é que você foi parar no Rio?

JP – Pera aí, isso é longa história, isso foi a minha propugnação começou em Teófilo Ottoni, mas pelo amor de Deus, dali fui preciso, precisava de mim, da, que aí o nosso ponto era Teófilo Ottoni, mas a gente fez Salinas. [...] tudo a cavalo, muitas vezes tinha de ir de carro, de jipe, até um determinado ponto, né, depois dali era a cavalo. Nós chegávamos num início da tarde e o prefeito fornecia os piores cavalos, mas até eles aguentavam muito, eles não iam dar um senhor cavalos, tinha que ser aqueles trotão. Mesmo, prá andar mesmo, nós andávamos muito a cavalo. Bom, depois solicitaram que eu tinha que ir prá Gramangó, aí nesse ponto eu já passei a ser chefe de escritório, e ia, e outra coisa, eu além de fazer o serviço de escritório eu ia pro campo, depois pediram pra eu aparecer, assumir, assumir o escritório, assumir, não, organizar o escritório de Diamantina; aí eu fui prá Diamantina. Aí lá o pessoal de Diamantina acabou que era muito violeiro lá, foi aquela região toda de Diamantina. Depois de um certo, bom o senhor agora vai prá Monte Carmelo, nós estamos precisando de organizar o serviço lá, aí eu fui prá Monte Carmelo, no oeste, lá fiquei um ano e tanto, também fazendo de tudo, né, escritório, fazia estatística de aplicação de remédio na parede, metro quadrado, tudo isso era feito, eu almoxarife, eu era estatístico, né, eu fazia a folha de pagamento, eu pagava, almoxarifado, quanto que eles gastavam, de inseticida, tudo isso, era coisa doida. E outra coisa, a gente trabalhava até aos sábados, cinco horas, não era mole, como eu trabalhei nesse serviço. Depois, de ser, bom, agora o senhor vai a Ribeirão Preto, lá na grande campanha de malária, aí é que eu me arrebentei de trabalhar lá. Eu chegava de noite eu via aquela [...] o médico disse assim: o senhor pára senão o senhor vai ficando louco, de tanto trabalhar,

porque só de homem era 150 homens; vem gente do Rio Grande do Sul, de Belém do Pará, de Pernambuco, prá alojar esse povo, na grande campanha de São Paulo, depois eu fiquei tão cansado, eu não resisti mais, fui obrigado a sair, de Diamantina, senão eu ficava louco, doido, de tanto trabalho. Aí eu disse, mas não tem jeito de eu voltar pro Rio de Janeiro? Tem sim. Então eu fui pro Rio de Janeiro.

Pesq. – Aí o senhor chegou.

JP – Aí eu fui prá Cidade das Meninas, que antes eu tinha trabalhado, eu trabalhei nas grandes campanhas, da Baixada Fluminense, [...], fazer assim às 6:00 da tarde, pegava anofelino, o rapaz, eu não peguei malária na Baixada Fluminense, eu vim pegar malária perto de Teófilo Ottoni, eu não lembro agora o nome da cidade, Cabacuri, eu mesmo me mediquei, tirei a lâmina.

Pesq – Parece que lá na cidade das Meninas você trabalhou em?

JP – Escritório, aí eu fui em escritório.

Pesq – Só no escritório.

JP – É, aí eu não quis mais saber de nada.

Pesq – E como é que você veio parar aqui?

JP – Isso se dá em 1952, né?

JP – Em 1952, aí eu tava lá sob o comando do engenheiro Dr. Romero, né, e daí um alagoano, e depois veio o Dr. Rachou, né, bom aí depois o Dr. Rachou, houve esse problema, né, parece que a Cidade das Meninas estava impondo, querendo rever os alojamentos que nós já havíamos ocupado. Que lá era Cidade das Meninas, lá era uma cidade de educadores, esses meninos assim, né, que são pegos assim, não tem condições de família, né, então, eu acho que tinha alguma ligação com a Fundação Getúlio Vargas.

LK – É porque a Darcy Vargas, a mulher dele que cria, a Fundação Cristo Redentor, eu acho que é.

JP – Então houve uma pressão sobre isso, então chegou a hora que quem quiser ir prá Belo horizonte, porque eu já tinha passado aqui, né, eu participei do Serviço Nacional da Malária aqui, ah, e outra coisa também, eu participei da grande campanha que houve em 1950, do escorpião, aqui em Belo horizonte, escorpionismo, né? Foi uma grande campanha, que também foi uma coisa doida, os comandos lá não eram brincadeira, eram de matar, viu.

LK – Mas quem é que fez essa campanha em 1950?

JP – Aqui, foi o Serviço Nacional de Malária.

LK – Da Malária e também assumiu outras campanhas?

JP – Assumiu, e grandes, hoje, hoje agora é que tá aparecendo os aracnídeos, aí uma mordidinha aí, mas aqui morria não sei quantas crianças por semana. E uma dessas campanhas, que nós fizemos durante a campanha, morreu uma filha de um médico famoso, eu fiquei sabendo disso, só que nós tivemos uma

sorte muito grande, que os pelotões de serviço tinham terminado no Sábado, no quarteirão, Segunda-feira ia pegar naquele quarteirão quando foi mordida a menina, tinha, foi sim.

(Risos)

LK – Senão tava perdido.

JP – Nossa mãe do céu.

Pesq – Voltando à cidade das Meninas...

LK – Você trabalha com o Romero?

JP – Romero e depois Dr. Rachou.

LK – Mas lá ainda, ou já aqui?

JP – Não, dr. Rachou lá, bom aí chegou a ocasião de a gente optar, ou ficaria no Rio de Janeiro prá ser redistribuído, ou então quem quisesse ser acompanhado, teria condições de [...], e eu já havia assumido, que eu namorei uma menina, lá em Diamantina, quando eu trabalhei lá e ela veio prá cá porque a irmã dela também namorou lá e o rapaz veio prá cá. Então eu já tinha assumido os compromissos, aliás eu já, eu na época eu já era noivo dela, aí chegou a ocasião de vir embora prá cá também, outra vez, né, voltar prá Belo Horizonte. Aí eu vim com eles.

Pesq - Aí se casou.

JP – Casei aqui.

Pesq – Sua esposa hoje?

JP – Em 1965.

Pesq – Sua esposa hoje?

JP – É. Eu vim prá cá em 1955, e 1965, 1966 me casei.

LK – Puxa, levou um tempo, 10 anos.

JP – Não, não, tá errado, [...] é foi sim, 1955, ou foi 1958?

LK – Ih, se ela sabe que o senhor não sabe vai ser feio, hein?

JP – Pera aí, 1956, 1990, não foi em 1956, eu vou fazer 34 anos de casado, é isso aí, foi em 1956, um ano depois.

Pesq - Bom, e aí o senhor vai com quem?

JP – Vim com uma equipe muito grande.

LK – Com o grupo todo.

JP – É, o grupo todo, o Zé Pedro também veio.

Pesq- E aqui você ficou lotado num laboratório?

JP – Eu aqui assumi, como havia assumido lá, a princípio eu comecei a trabalhar no setor de pessoal, depois eles me dedicaram, você tem conhecimento disso e daquilo, você vai organizar a nossa biblioteca. E vim prá cá, trouxe a biblioteca prá cá, os livros prá cá, e aqui fiquei muito tempo.

Pesq – E naquela época veio o professor Rachou com a equipe?

JP –É.

Pesq- Porque o professor Rachou e não outra pessoa?

LK – Ele já era o diretor?

JP – É, porque ele era designado prá vir, ele era ...

Pesq – O professor Lobato naquela época já estava lá?

JP – Ainda não.

LK – Não.

JP – Ainda não, o Lobato sempre pertenceu ao IOC, Instituto Oswaldo Cruz.

Pesq – Ah, eu estava no IOC.

JP – É, o Lobato nunca apareceu, sim aparecia [...], tinha outro chamado lá que era do IOC; a maioria dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz tava sempre lá porque eles desempenhavam muita pesquisa e a maioria dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz tava sempre lá, porque eles desempenhavam muita pesquisa, entende?

Pesq - O senhor lembra sobre o que que ...

LK – O Mário Aragão tava lá?

JP – O Mário Aragão, até hoje um turco que até hoje é funcionário lá, o qual é o nome? É árabe, né?

LK – Ah, o Haity Moussatché?

JP – Não, a Ildia, Dr. Barragat, que era chefe lá, tinha uma fábrica de inseticida, o Barragat, tinha o Ivan Riccardi, que foi quem trouxe, a Dra. Ildia, a Dra. Regina, também uma senhora alta e forte, tinha o Paulini, o Ernest Paulini, também veio.

LK – O Roberto Milward, também tava lá, né, ele era chefe do laboratório de Ecologia.

LK – Ecologia.

JP – É, ele desde aquela época, sempre se interessou pela Ecologia Marinha, né?

Pesq – Quer dizer que em 1955 vieram esses três laboratórios, Química, Entomologia e Ecologia?

JP – A Dra. Aline também veio.

LK – Dra. Aline veio prá cá?

JP – Veio.

Pesq – Que data que ela trabalhou aqui?

JP – Ela tinha o laboratório dela lá, e ela veio prá cá.

JP – Ela faz entomologia?

LK – É, ela trabalha eu acho com negócio de Leishmaniose.

JP – Rostan [Soares]...

LK- O Rostan veio prá cá?

JP – Não.

LK – Ah, o Rostan ficava lá?

JP – É.

LK- Ah, sim, a Maria Deane e o ...

JP – O Deane tava sempre lá com a mulher dele, tinha um laboratório lá.

Pesq – Quer dizer que você veio prá cá em 1955 prá montar a Biblioteca de quê?

JP – A biblioteca era famosa, inclusive ela foi muito elogiada, perante até mesmo os da universidade aqui, a nossa biblioteca era uma senhora ...

Pesq – Essa aí?

JP – Não, agora, não.

Pesq - Foi você que inaugurou a biblioteca?

JP – Era famosa, rapaz, essa nossa biblioteca aqui tinha nome internacional, pô.

Pesq – Foi você que montou?

JP – Foi e tinha nome internacional, ela não era brincadeira, mas era, o acervo dela era coisa de doido, e muita gente do DASP vinha aqui, ó.

Pesq – Em 1970, 1973.

JP – Parasitologia, Botânica, Zoologia, até nesse negócio de ...

LK – Engenharia, mas essa biblioteca não é a que tá aqui agora?

JP –Depois que eu saí, não é, não tou, depois que eu saí isso aqui ficou relaxado.

Pesq – Quando você saiu?

JP – Ah....

Pesq – Porque tem outro bibliotecário.

JP –Eu saí daqui depois eu fiquei muito aborrecido aí eu saí, e depois saí daqui também. Eu fiquei fora daqui durante três ou quatro anos, eu fui prá Engenharia Sanitária, na rua Janine, 27.

Pesq – Mas porque você saiu?

JP –Eu fiquei aborrecido com esse negócio da biblioteca, né, e aí eu saí, eu tive uma proposta prá ir na (?) e eu fui prá lá.

Pesq – Quando isso?

JP – Isso foi em 1972, não, eu trabalhava também numa organização particular aqui, eu fiquei lá de 1960 a 1966, trabalhava aqui e de tarde ia prá lá, e depois houve esse problema aqui comigo e eu fui prá lá em 1967, 1968, e fiquei lá até 1962.

Pesq – Quem chefiava lá?

JP – Quem chefiava lá era o Dr. Cambraia, na época era, você sabe que eu não sei, eu sei que o Naftale me encheu tanto me achando prá vir prá cá outra vez, nossa mãe.

LK – Mas quando você saiu daqui quem era?

JP – Que o Naftale foi chefe daqui uma vez.

LK – Quando você saiu daqui quem era?

JP – Pois é...

LK – Você tava tentando lembrar ...

JP – Não sei se era o Roberto.

Pesq – Tenta lembrar o ano que você saiu.

JP – Ah, eu sei que quando eu voltei eu já vim prá outra, da época aí já não tava mais o Naftale, já era o Roberto, é eu assumi....

LK – 1972?

JP – Eu assumi aqui a direção do setor de transportes.

LK – Em 1972?

JP – É, eu voltei prá cá em 1972, eu fiquei lá uns dois ou três anos, sim, 1969 eu estava lá, sim.

Pesq – Então, anterior ao Naftale foi o Roberto?

JP – Não, depois do Naftale foi o Roberto, é.

LK – Então quando você saiu daqui era o Naftale.

JP – O Naftale era o chefe que vivia me chamando, né, mas quando eu voltei aqui já era o Roberto.

Pesq – Era o Dr. Amilcar, então?

JP – Eu acho que era o Amilcar, o Marcelo..., acho que era o Marcelo quando eu saí, era o Marcelo, quando eu saí daqui era o Marcelo, no escritório, eu era chefe de escritório lá, e trabalhava aqui na parte da tarde eu ia prá lá.

LK – Em 1960 a 1966.

JP – 1966.

LK – E nesse período todo você tá na biblioteca aqui?

JP – Esse tempo eu fiquei, desde a época que eu vim do Rio de Janeiro.

LK – 1955, quer dizer, você tem uma passagem pequena pelo setor de pessoal e logo depois a biblioteca.

JP – É, foi.

LK –

JP – É, nem ajudava com o pessoal do

LK – Pô, com a experiência da campanha.

JP – É, eu tinha muita experiência do setor de Pessoal, lá no Rio de Janeiro ajudava eles também, trabalhava até 11 horas da noite, a gente sempre trabalhou tarde da noite, não ganhávamos um tostão, chegava sábado também a mesma coisa, chegava Domingo a gente trabalhava também.

Pesq – Quer dizer, voltando à questão da biblioteca, eu acho que é importante isso, não ficou muito claro que foi o João Prezado que organizou essa biblioteca.

JP – Dr. Zigman cansou de me elogiar, pergunte ao Dr. Zigman.

Pesq – Essa biblioteca inclusive merece.

LK – Pois é, [...]

JP – Pergunte ao Dr. Zigman, o D. Zigman cansou de me elogiar.

Pesq – Eu fiquei sabendo aqui agora, fiquei emocionado ao saber disso.

JP – Eu é que montei essa biblioteca.

Pesq – Eu não sabia que [...] embora [...]

JP – Inclusive mobiliário, mandei fazer um negócio bacana aqui.

Pesq – Depois que você voltou o Naftale foi diretor, não é isso, quem que foi diretor?

JP – Durante o tempo do Dr. Zigman, como chefe ele é que tava como bibliotecário aí, não foi o Dr. Zigman não, Dr. Zigman ficou uns 10 anos, como chefe,

Pesq – Tinha aquela menina que era a bibliotecária?

JP – É, depois veio a parenta dela, né, ela, a Berta, como bibliotecária, mesmo, né, era o curso, né, eu fiz estágio, aqui também na universidade, eu não era crú em Biblioteconomia, não, você entender, apesar de não ter curso, mas eu tinha muita prática, eu classificava com a tabela do D (?).

LK – Nossa, aquela coisa horrorosa?

JP –É.

LK - Impossível de perder.

JP – Não, eu levava a sério, sabe tudo o que eu faço eu levo a sério, eu classificava, eu, eu tinha, era uma novidade, essa nossa biblioteca, comigo, eu tinha correspondência com o mundo inteiro, inclusive com Moscou, eu mandava carta prá lá, com a Índia, com a Inglaterra, enfim, [...] pergunta, não pergunta ao Dr. Zigman que ele tá muito mais a parte, basta o Dr. Zigman falar o que que eu fazia lá, entende, eu pera aí, eu trabalhei com o Roberto, o Dr. Rachou foi um, depois veio o Marcelo, né, eu fiquei muito tempo, muitos anos na Biblioteca, muitos anos mesmo.

LK – É, o René Rachou, depois Amilcar Viana.

Pesq – O Amilcar não foi diretor.

LK – Não foi diretor?

JP – Não, não foi, não.

Pesq- Ele só repassou com o Marcelo.

JP – Ele foi diretor do departamento de Endemias Rurais, a sede era no Rio de Janeiro, mas ele funcionava aqui, ele funcionava aqui, é, e o Dr. Mário Pinotti foi quem uniu as endemias, era Serviço Nacional de Malária, Serviço Nacional de Febre Amarela, Serviço de Peste, Serviço de outras endemias. Aí o Juscelino convocou ele como ministro, o Mário Pinotti, que o Mário Pinotti foi não sei quantos anos diretor do Serviço Nacional de Malária.

LK – Ele cria o Serviço né, e depois ele fica ...

JP – Depois ele mesmo que fundiu as endemias e passou a ser Endemias Rurais, Departamento Nacional de Endemias Rurais e o Instituto passou a ser Instituto de Endemias Rurais, mas antes foi Instituto de Malariologia.

LK – E quando se transfere prá cá, vem só uma parte não vem tudo, vem só uma parte não vem tudo, quando saí do Rio de Janeiro?

JP – Não, veio tudo.